

O Que Nunca Terminava

Tem um tipo de trabalho que nunca chega ao fim. Você paga a prestação deste mês, e no mês seguinte ela volta, idêntica, como se os pagamentos anteriores não tivessem acontecido. Você limpa a casa toda hoje, e depois de amanhã ela está suja de novo, do mesmo jeito, nos mesmos lugares. Não é que você faça mal feito. É que aquela tarefa foi feita para se repetir. Ela nunca tem a palavra “pronto” no final.

Houve, há muitos séculos, um povo inteiro que vivia dentro de um sistema assim — só que não era prestação nem faxina. Era sacrifício. Todo ano, no mesmo dia, o sacerdote entrava no lugar mais sagrado do templo, levando sangue de animal, para fazer oferta pelo pecado do povo diante de Deus. E, ano após ano, ele tinha que fazer tudo de novo. Não porque tivesse feito errado da primeira vez. Mas porque aquele sistema, por mais que fosse ordenado pelo próprio Deus, nunca foi feito para terminar.

O texto de hoje conta a história de como esse ciclo, finalmente, chegou ao fim — e como.

Hebreus 10.1-18 (NAA)

¹Ora, visto que a lei é apenas uma sombra dos bens vindouros, não a imagem real das coisas, nunca consegue aperfeiçoar aqueles que se aproximam de Deus com os mesmos sacrifícios que, ano após

ano, continuamente, eles oferecem. ²Se isto fosse possível, será que os sacrifícios não teriam deixado de ser oferecidos? Porque os que prestam culto, tendo sido purificados uma vez por todas, não mais teriam consciência de pecados! ³Entretanto, nesses sacrifícios ocorre recordação de pecados todos os anos, ⁴porque é impossível que o sangue de touros e de bodes remova pecados. ⁵Por isso, ao entrar no mundo, Cristo disse: “Sacrifício e oferta não quiseste, mas preparaste um corpo para mim; ⁶não te agradaste de holocaustos e ofertas pelo pecado. ⁷Então eu disse: ‘Eis aqui estou! No rolo do livro está escrito a meu respeito. Estou aqui para fazer, ó Deus, a tua vontade.’”

⁸Depois de dizer, como acima: “Sacrifícios, ofertas, holocaustos e ofertas pelo pecado não quiseste, nem deles te agradaste” — coisas que se oferecem segundo a lei —, ⁹num segundo momento acrescentou: “Eis aqui estou para fazer, ó Deus, a tua vontade.” Ele remove o primeiro para estabelecer o segundo. ¹⁰Nessa vontade é que temos sido santificados, mediante a oferta do corpo de Jesus Cristo, uma vez por todas.

¹¹Ora, todo sacerdote se apresenta, dia após dia, para exercer o serviço sagrado e oferecer muitas vezes os mesmos sacrifícios, que nunca jamais podem remover pecados. ¹²Jesus, porém, tendo oferecido, para sempre, um único sacrifício pelos pecados, assentou-se à direita de Deus, ¹³aguardando, daí em diante, até que os seus inimigos sejam postos por estrado dos seus pés. ¹⁴Porque, com uma única oferta, aperfeiçoou para sempre os que estão sendo santificados. ¹⁵E disto nos dá testemunho também o Espírito Santo. Porque, após ter dito: ¹⁶“Esta é a aliança que farei com eles, depois daqueles dias, diz o Senhor: Imprimirei as minhas leis no coração deles e as inscreverei sobre a sua mente”, ¹⁷acrescenta: “Também dos seus pecados e das suas iniquidades jamais me lembrarei.” ¹⁸Ora, onde há remissão de pecados, não existe mais necessidade de sacrifício pelo pecado.

A superioridade de Cristo

A carta aos Hebreus caminha, do início ao fim, atrás de uma única ideia. *Cristo é superior* — e por isso vale a pena continuar com ele, custe o que custar.

O autor desenvolve essa tese em três grandes blocos.

No PRIMEIRO BLOCO (1.4–7.28), ele mostra a **superioridade da pessoa de Cristo**. Superior aos anjos (1.4–2.18), superior a Moisés

(3.1–4.13), superior ao sacerdócio de Arão (4.14–7.28). No TERCEIRO E ÚLTIMO BLOCO (a partir de 10.19), ele vai tirar **as consequências práticas** de toda a sua argumentação ao longo da carta — fará um chamado à perseverança (10.19-39), trará exemplos de fé (capítulo 11), falará do olhar fixo em Jesus (12.1-3), e de uma vida concreta de amor, pureza e submissão aos líderes da igreja (capítulo 13).

Nós estamos no meio, no SEGUNDO BLOCO (8.1–10.18), onde o assunto é a **superioridade da obra de Cristo**. E esse bloco também segue uma progressão. Primeiro, que Cristo ministra num *santuário* melhor (8.1-5). Depois, que ele é Mediador de uma *aliança* melhor (8.6-13). E agora, no texto de hoje, chegamos ao último degrau do argumento pela superioridade da obra de Cristo: ele oferece um *sacrifício* melhor (9.1–10.18).

Só que, se você esteve conosco nas últimas semanas, talvez tenha notado algo: já falamos de sacrifício. Já vimos, em Hebreus 9.23-28, que a morte de Cristo foi única, definitiva, sem repetição.

Por que o autor volta ao mesmo assunto?

Porque ali ele estava olhando para um lado apenas do sacrifício de Cristo: o que aconteceu *diante de Deus*, quando Cristo entrou no santuário celestial (9.23-24). Aqui, no texto de hoje (10.1-18), ele olha para o outro lado: o que esse sacrifício faz *em nós* — no que a Escritura chama de nossa consciência (9.14; 10.2). Não é a mesma coisa repetida. É a mesma verdade, vista por dentro.

Vamos ao texto.

1. Um sistema que nunca chegava ao fim

Hebreus 10.1-4 (NAA)

¹Ora, visto que a lei é apenas uma sombra dos bens vindouros, não a imagem real das coisas, nunca consegue aperfeiçoar aqueles que se aproximam de Deus com os mesmos sacrifícios que, ano após

ano, continuamente, eles oferecem. ²Se isto fosse possível, será que os sacrifícios não teriam deixado de ser oferecidos? Porque os que prestam culto, tendo sido purificados uma vez por todas, não mais teriam consciência de pecados! ³Entretanto, nesses sacrifícios ocorre recordação de pecados todos os anos, ⁴porque é impossível que o sangue de touros e de bodes remova pecados.

Olhe com atenção para o verbo do **versículo 1**. A lei, diz o texto, “nunca consegue aperfeiçoar aqueles que se aproximam de Deus” (10.1). Guarde essa palavra — *aperfeiçoar*. Ela vai voltar mais adiante, e quando voltar, vai ter uma resposta diferente. Mas aqui, no início, ela aparece como um veredito negativo. Nunca consegue.

Por que não consegue aperfeiçoar? O próprio versículo explica.

A lei era “apenas uma *sombra* dos bens vindouros, não a imagem real das coisas” (10.1). Sombra e imagem real. Uma sombra mostra o contorno de alguma coisa — você reconhece que ali passou uma pessoa, um objeto, uma forma. Mas a sombra nunca é a coisa em si. Você não abraça uma sombra. Não conversa com uma sombra. Ela aponta para algo que ainda não chegou.

E o texto dá a prova de que era sombra, não imagem real: o mesmo sacrifício sendo oferecido “ano após ano, continuamente” (10.1). Se aquilo tivesse funcionado, o **versículo 2** pergunta direta e retoricamente: os sacrifícios não teriam “deixado de ser oferecidos”? Se um remédio cura, você para de tomar o remédio. Se ele continua sendo tomado, ano após ano, pela vida inteira, isso já diz alguma coisa sobre se ele está curando ou não.

E o texto nomeia exatamente o que não estava sendo curado. “consciência de pecados” (10.2). Não é só uma questão de rito ou de acesso ao templo. É algo interior — a pessoa se aproximava de Deus, fazia tudo certo, e ainda carregava, por dentro, a sensação de dívida.

O **versículo 3** confirma: em vez de apagar essa sensação, os sacrifícios traziam “recordação de pecados todos os anos” (10.3). O

próprio ritual pensado para tratar do pecado funcionava, na prática, como um lembrete anual de que o pecado continuava ali.

E o **versículo 4** dá a razão de fundo, sem meio-termo. “é impossível que o sangue de touros e de bodes remova pecados” (10.4). Impossível. Não “insuficiente por enquanto”, não “incompleto”. Impossível. Porque nunca houve, e nunca poderia haver, uma correspondência real entre o sangue de um animal e a culpa moral de uma pessoa diante de Deus.

Esse era o sistema. Ordenado por Deus, sim. Mas desenhado, desde o início, para nunca terminar.

Só que... houve...

2. Uma obediência que fez o que nenhum sacrifício fazia

Hebreus 10.5-10 (NAA)

⁵Por isso, ao entrar no mundo, Cristo disse: “Sacrifício e oferta não quiseste, mas preparaste um corpo para mim; ⁶não te agradaste de holocaustos e ofertas pelo pecado. ⁷Então eu disse: ‘Eis aqui estou! No rolo do livro está escrito a meu respeito. Estou aqui para fazer, ó Deus, a tua vontade.’”

⁸Depois de dizer, como acima: “Sacrifícios, ofertas, holocaustos e ofertas pelo pecado não quiseste, nem deles te agradaste” — coisas que se oferecem segundo a lei —, ⁹num segundo momento acrescentou: “Eis aqui estou para fazer, ó Deus, a tua vontade.” Ele remove o primeiro para estabelecer o segundo. ¹⁰Nessa vontade é que temos sido santificados, mediante a oferta do corpo de Jesus Cristo, uma vez por todas.

Repare: quem está falando aqui? O texto diz que é Cristo, “ao entrar no mundo” (10.5). Cristo está falando. Quer dizer: estas são palavras postas na boca dele no momento em que se torna homem. E a primeira coisa que Cristo fala é da recusa de Deus. “Sacrifício e oferta não quiseste... não te agradaste de holocaustos” (10.5-6). O SENHOR nunca quis o que o sistema do capítulo anterior oferecia.

E o que Deus queria, o próprio texto coloca lado a lado, na mesma frase: “preparaste um corpo para mim” (10.5) e “estou aqui para fazer, ó Deus, a tua vontade” (10.7). Um corpo — e uma missão para esse corpo. Não é coincidência estarem juntos na mesma citação.

O corpo não foi preparado para ficar parado; foi preparado para obedecer — e “fazer propiciação pelos pecados do povo” (2.17). Nenhum touro, nenhum bode, animal nenhum jamais poderia dizer “estou aqui para fazer a tua vontade”. Um animal não obedece no lugar do ofertante — ele é apenas morto.

NOTE: aqui, pela primeira vez, sacrifício e obediência aparecem como a mesma coisa, no mesmo corpo, na mesma frase.

E há um detalhe que não pode passar despercebido.

Cristo diz que sua missão já estava “escrita” — “no rolo do livro” (10.7; cf. Sl 40.6-8) — antes mesmo de ele entrar no mundo. Isso não é um plano de última hora, montado depois que o sistema de sacrifícios já tinha se mostrado incapaz. Estava escrito. Era o plano desde o início.

O **versículo 8** repete quase palavra por palavra o que já foi dito — mas acrescenta uma observação entre travessões que ilumina o argumento: “coisas que se oferecem segundo a lei” (10.8).

Ou seja, os sacrifícios que Deus rejeita aqui não são casos de gente fazendo errado. São exatamente o que a própria lei mandava fazer, feitos como ela mandava. Logo, o problema nunca foi a execução, mas o sistema em si.

O **versículo 9** nomeia o resultado disso com uma clareza quase jurídica. “Ele remove o primeiro [serviço sagrado; lit.: *liturgia*; cf. v. 11] para estabelecer o segundo [serviço sagrado]” (10.9). Repare que não é uma simples troca por acaso — é remover para estabelecer.

Uma coisa acontece propositalmente por causa da outra. O antigo não é apenas substituído; ele é retirado precisamente para que o novo possa ficar de pé.

E qual é o resultado final dessa obediência?

O **versículo 10** responde: “Nessa vontade é que temos sido santificados, mediante a oferta do corpo de Jesus Cristo, uma vez por todas” (10.10). “Temos sido santificados” — não “estamos sendo”, não “seremos”. Mas uma realidade que já aconteceu e que continua valendo agora. E note a expressão que fecha o versículo, porque ela já apareceu antes na carta e vai reaparecer. “uma vez por todas” (10.10). Não anual. Não repetido. Uma vez — por todas.

O sistema — a liturgia, o serviço — da antiga aliança precisava ser feito porque nunca alcançava o que prometia. Aqui, pela primeira vez no texto, alguém faz — em obediência, com o próprio corpo — exatamente aquilo que precisava ser feito. E, feito uma vez, não precisa ser feito de novo. Ou seja, ele conclui o que nunca terminava.

E essa obediência, uma vez terminada, teve uma consequência que o próprio texto vai mostrar — não em palavras, mas numa imagem.

3. O Sacerdote que se assentou

Hebreus 10.11-14 (NAA)

¹¹Ora, todo sacerdote se apresenta, dia após dia, para exercer o serviço sagrado e oferecer muitas vezes os mesmos sacrifícios, que nunca jamais podem remover pecados. ¹²Jesus, porém, tendo oferecido, para sempre, um único sacrifício pelos pecados, assentou-se à direita de Deus, ¹³aguardando, daí em diante, até que os seus inimigos sejam postos por estrado dos seus pés. ¹⁴Porque, com uma única oferta, aperfeiçoou para sempre os que estão sendo santificados.

Repare na postura de cada um. O sacerdote “se apresenta, dia após dia” (10.11) — ele está de pé, e jamais se assenta, porque o trabalho dele nunca termina. O sacerdote faz “muitas vezes os mesmos sacrifícios” (10.11) — a mesma rotina do que foi descrito nos versículos 1-4, agora vista pelo ângulo de quem tinha que executá-la, todo santo dia, sem parar.

E então o texto muda de sujeito. “Jesus, porém” (10.12).

Depois de oferecer, “para sempre, um único sacrifício” (10.12), Jesus não continua de pé. Ele “assentou-se à direita de Deus” (10.12). Ninguém senta no meio de um trabalho que ainda não acabou. Você senta quando termina.

E o **versículo 13** explica o que ele está fazendo agora, sentado. “Aguardando... até que os seus inimigos sejam postos por estrado dos seus pés” (10.13). Não é alguém esperando ansioso para ver se vai dar certo. É alguém que já venceu e está esperando o resultado se tornar visível.

Agora chegamos ao **versículo 14**. E aqui eu preciso que você volte comigo até o começo do sermão, porque o texto está fazendo isso de propósito. “Com uma única oferta, *aperfeioou* para sempre os que estão sendo santificados” (10.14). **Aperfeioou**. É a mesma palavra do *versículo 1* — lembra? “Nunca consegue aperfeioar” (10.1).

Ali, o veredito era negativo: nunca consegue. Aqui, treze versículos depois, o mesmo verbo aparece de novo — e desta vez, alguém consegue. Cristo consegue.

Mas olhe com cuidado para o resto da frase, porque ela não é simples. “Aperfeioou para sempre” — isso já aconteceu, está consumado, não tem mais volta. E logo depois. “os que estão sendo santificados” — isso ainda está em andamento, agora, no presente. Ora, como assim — aperfeioou para sempre... e estão sendo santificado?

As duas coisas estão na mesma frase, sobre as mesmas pessoas. *Já* aperfeiçoados. *E ainda* sendo santificados.

Isso é exatamente a vida de quem está lendo este texto. Você ainda peca. Ainda comete o mesmo erro de sempre. Ainda termina o dia sentindo que devia ter sido mais paciente, mais honesto, mais fiel. Você está, sem dúvida, “sendo santificado” — ainda em processo, ainda incompleto. E é justamente para essa pessoa, exatamente como ela está agora, que o texto usa a outra palavra. Aperfeiçoada. Não “vai ser”. Já está.

Talvez você viva tentando fechar essa conta sozinho — tentando se sentir suficientemente arrependido, suficientemente disciplinado, suficientemente bom, antes de se permitir descansar diante de Deus. Se essa é a sua fadiga, o versículo 14 não pede que você termine primeiro. Ele diz que alguém já terminou. “Aperfeiçoou para sempre” — não porque você chegou lá, mas porque ele concluiu a obra de salvação e se assentou.

E note bem a ordem das duas coisas no próprio versículo. Não diz “aperfeiçoou os que já foram santificados”. Diz “aperfeiçoou... os que *estão sendo* santificados” — no presente, ainda em curso.

Isso significa que o fato de você ainda estar lutando contra o mesmo pecado, ainda chorando pelo mesmo erro, não é evidência de que você não foi aperfeiçoado. É o próprio sinal de que você é uma dessas pessoas de quem o texto fala. Quem já terminou de ser santificado não precisaria mais do versículo. Ele é para quem ainda está no meio do processo — e diz que isso não muda o veredito.

Isso não é motivo para tratar o pecado como algo pequeno. Continue sofrendo quando você peca — essa dor é sinal de que o Espírito está, de fato, te santificando, e não teria sentido fingir que não dói. Mas é motivo para parar de tratar essa dor como se ela colocasse

em dúvida o que Cristo já fez. As duas coisas convivem na mesma frase do texto. Você pode chorar pelo pecado de hoje, descansando na obra completa de ontem — porque ela não depende de hoje ter sido suficiente. Ela já era suficiente antes de você nascer.

Lutero passou anos tentando fechar essa conta. Era monge, era disciplinado, confessava-se por horas diariamente, e a consciência não descansava. Ele mesmo contou depois que, meditando em Romanos 1.17, entendeu que a justiça de Deus não era a régua que o condenava, mas o presente que o vestia. Sentiu-se, disse ele, como se tivesse entrado pelas portas abertas do paraíso.

Mas note o que Lutero não disse. Ele não disse que deixou de ser doente. Anos depois, ao comentar Romanos, ele usou a imagem de um homem enfermo que acredita na palavra do médico. O médico lhe promete a cura e já o considera curado, porque tem certeza de que vai curá-lo. O doente continua doente, mas já não é tratado como quem tem uma doença mortal. Ele obedece ao tratamento, e obedece porque confia na promessa, não para merecê-la.

É isso que Hebreus 10.14 diz. “Aperfeiçoou para sempre” é a palavra do médico. “Os que estão sendo santificados” é o tratamento em curso. A santificação não é a condição para a justificação, é o que segue dela. Quem já terminou a obra é Cristo, que se assentou. A você, resta deixar-se tratar por quem já o declarou são.

E o texto não deixa esse descanso apoiado só na sua própria leitura dele. Ele chama uma testemunha.

4. A promessa que fecha a conta

Hebreus 10.15-18 (NAA)

¹⁵E disto nos dá testemunho também o Espírito Santo. Porque, após ter dito: ¹⁶“Esta é a aliança que farei com eles, depois daqueles dias, diz o Senhor: Imprimirei as minhas leis no coração deles e as ins-

creverei sobre a sua mente”, ¹⁷acrescenta: “Também dos seus pecados e das suas iniquidades jamais me lembrarei.” ¹⁸Ora, onde há remissão de pecados, não existe mais necessidade de sacrifício pelo pecado.

Repare no tempo do verbo em “nos dá testemunho” (10.15). Não “deu”, no passado distante. Dá, agora. O que Deus prometeu por Jeremias continua sendo dito, hoje, a quem lê este texto.

E a promessa citada tem uma palavra que vale a pena colocar ao lado de outra, lá do início do sermão.

Lembra do **versículo 3**? “Recordação de pecados todos os anos” (10.3) — o sistema antigo lembrava o pecado, ano após ano, sem parar. Agora, no **versículo 17**, a mesma raiz aparece, invertida. “Jamais me lembrarei” (10.17). O que antes era lembrado sem parar, agora é esquecido para sempre. É a resposta exata ao problema que abriu este sermão.

E o **versículo 18** tira a conclusão que o texto inteiro vinha construindo. “Onde há remissão de pecados, não existe mais necessidade de sacrifício pelo pecado” (10.18). Não é regra nova. É lógica simples: se a dívida foi paga, não se cobra de novo.

A conta foi quitada

Você lembra da prestação lá do início — aquela que volta todo mês, idêntica, como se os pagamentos anteriores nunca tivessem existido? O texto de hoje descreveu um sistema assim, só que era sacrifício, não boleto. E descreveu também o dia em que essa conta foi quitada.

Não foi por acúmulo. Não foi porque, depois de séculos de sacrifícios, finalmente um foi bom o suficiente. Foi porque Alguém obedeceu onde ninguém tinha obedecido, e se assentou onde ninguém jamais tinha se assentado. “Aperfeiçoou para sempre os que estão

sendo santificados” (10.14). Você não precisa terminar de se acertar com Deus para ser aceito por ele. Ele já terminou — em Cristo.

E é justamente por isso que não há para onde voltar. Se o sacrifício de Cristo já quitou a conta, nenhum sacrifício antigo — que nunca terminava, nunca era suficiente — tem algo a oferecer a mais. Recusar esta oferta não é trocar por outra. É ficar sem nenhuma.

Mas se você ainda não descansou nessa oferta, Deus não está com pressa de te condenar por isso. Ele está esperando — com a mesma paciência que sustentou séculos de sacrifícios repetidos até o dia em que o verdadeiro finalmente chegou. Essa espera não é indiferença. É convite.

E se você já descansou nela, mas ainda peca hoje — ainda erra o de sempre — não se engane. Essa fadiga não é fraqueza de fé. É a fé de verdade. Porque a fé de verdade não é a de quem já chegou e não precisa mais de ninguém. É a fé de quem, no meio do próprio pecado, ainda consegue dizer: eu odeio isso que fiz. E mesmo assim, já fui aperfeiçoado por uma única oferta — a tua, Senhor Jesus. Essa é a fé que salva. Não o orgulho de quem chegou. É o gemido de quem sabe que precisa de um Salvador — e a ele recorre, com fé.

Na semana que vem, o autor vai perguntar: e agora, o que você faz com isso? Hoje, é só isto: o que nunca terminava, terminou.

Seu pecado foi quitado lá na cruz.

S.D.G. L.B.Peixoto.